

CONSTRUÇÕES-WH NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: “GÊMEOS” (DOUBLETS) SINTÁTICOS OU VARIAÇÃO ESTILÍSTICA¹

WH-CONSTRUCTIONS IN BRAZILIAN PORTUGUESE:
SYNTACTIC ‘DOUBLETS’ OR STYLISTIC VARIATION

Mary Aizawa Kato | Lattes | maryak@unicamp.br
Universidade Estadual de Campinas

Reumo: Este capítulo apresenta minha visão geral dos estudos diacrônicos e sincrônicos sobre as construções-wh no português brasileiro e discute o problema instigante dos aparentes “gêmeos” sintáticos, ou da optionalidade, nesse domínio. Contudo, uma análise cuidadosa da ordem diacrônica em que esses padrões emergem, bem como da variação exibida em *corpora* contemporâneos, escritos e falados, leva-nos a concluir que os padrões coocorrentes não constituem “gêmeos” sintáticos.

Palavras-chave: Construções-wh; Português brasileiro; “Gêmeos” sintáticos; Optionalidade; Diacronia; Movimento-wh; Clivagem.

Abstract: This chapter contains my overview of diachronic and synchronic studies on Brazilian Portuguese wh-questions, and discusses the intriguing problem of apparent syntactic doublets, or optionality, in this domain. However, a careful examination of the diachronic order in which these patterns appear, and the variation exhibited in contemporary written and spoken corpora lead us to conclude that the co-occurring patterns do not constitute syntactic “doublets.”

Keywords: Wh-questions; Brazilian Portuguese; Syntactic “doublets”; Optionality; Diachrony; Wh-movement; Clefting.

1 Introdução

O Português Brasileiro (PB) contemporâneo apresenta variação nas construções-wh como no exemplo (1) (cf. Kato, 2018). À primeira vista, isto enfrenta um problema relativo ao parâmetro-wh, segundo o qual as línguas podem ser de dois tipos: com ou

¹ Este artigo é uma adaptação traduzida do capítulo *Morphological doublets in Brazilian Portuguese wh-constructions* de Kato (2018).

sem movimento-wh (Huang, 1982). Além disso, há um consenso de que a inversão VS é mais limitada no PB com verbos inergativos e transitivos (inter alia, Kato, 2020) mas os exemplos em (2) parecem todas ser perfeitamente aceitáveis.

- (1) a. Você votou **em quem** em 1989?
b. **Em quem** você votou em 1989?

- (2) a. Onde **dormem as crianças**? [Wh-VS]²
b. Onde **as crianças dormem**? [Wh-SV]
c. **As crianças dormem** onde? [Wh-in-situ]

- (3) a. Afinal, quanto **vale a vida**? [Wh-VS]
b. Afinal, quanto **a vida vale**? [Wh-SV]
c. Afinal, **a vida vale quanto**? [Wh-in-situ]

O que temos no PB são construções-wh em variação, não só entre duas formas, mas até de três, o que não deveria ser permitido, dado o princípio “blocking effect” de Aronoff (1976), que exclui “doublets” sintáticos, que aqui traduzimos como “gêmeos” sintáticos.

De acordo com Kroch (1984, p. 181), “gêmeos” sintáticos são sempre reflexos de uma competição instável entre opções gramaticais mutuamente exclusivas, que normalmente acaba resultando em mudança gramatical. Também na visão minimalista, a variação/ opcionalidade em derivações gramaticais onde estão envolvidas operações de checagem não é esperada (Saito e Fukui, 1998). A tese que defendemos, todavia, é que “gêmeos” sintáticos podem ser encontrados atualmente em um indivíduo, não envolvendo mudança sintática.

As perguntas encaixadas, por outro lado, exibem um padrão uniforme, com constituintes frontais-wh, e sem inversão sujeito-verbo no Português Europeu (PE) ou no PB:

- (4) a. A Ana está perguntando **onde** as crianças **comem**. PB PE
b. A Ana está perguntando **onde comem** as crianças. *PB *PE

Meu objetivo neste artigo é mostrar que as três variantes em (3) constituem reflexos de mudança, mas o que quero afirmar é que elas não constituem um “trigêmeo” e

² Sobre o exemplo (2) vale um comentário. Segundo Pilati (2016), a inversão VS é comum com verbos existenciais e inacusativos, mas não com verbos inergativos. Mas a autora mostra que a inversão é possível quando há um expletivo locativo (*aqui*, *aí* ou *lá*). Ex. *Alí Dormem os meninos./ Onde dormem os meninos?*.

podem ser analisadas como possíveis variantes estilísticas dentro da mesma gramática.

O artigo está organizado da seguinte forma: a Seção 2 contém uma visão geral dos dados diacrônicos em português; a Seção 3 contém a minha análise dos dados; e a última seção contém as conclusões.

2 O desenvolvimento diacrônico das construções-wh no PB

2.1 O período V2 no Português Clássico (PCI)

Até o final do século XVIII, ou período Clássico, as perguntas-wh em português tinham o padrão V2 (wh-VS) comum no Romance em geral, um padrão que continua a subsistir no Português Europeu Moderno (PE), mas só sobrevive como resíduo no PB. Além disso, a ordem VS que encontramos no século XX é apenas do tipo em (6) com sujeito DP (cf. Duarte e Kato, 2002), e não pronominal.

- | | |
|----------------------------------|-------------|
| (5) a. Mas que me quer ele a mi? | (XVI) PCI |
| b. Que fez vossa mercê? | (XVIII) PCI |
| c. Que te disse ele? | (XIX) PE |
| d. Mas que tenho eu com isso? | (XIX) PB |
-
- | | |
|------------------------------|-------------------|
| (6) a. Onde andará a Neiva? | (XIX - XX) PE PB |
| b. Que lhe disse o Honorato? | (XIX - XX) PE ?PB |

2.2 A construção clivada inversa do Português Moderno

A partir da segunda metade do século XVII, começou a surgir uma construção-wh a partir de uma numeração diferente, tanto no PB como no português europeu (PE), nomeadamente uma sentença clivada-inversa (ex. (7a)), tendo a cópula a segunda posição privilegiada e o verbo temático exibindo a ordem SV de sua oração encaixada (Duarte, 1992; Duarte e Kato, 2002). A gramática que produz a clivada inversa da pergunta-wh é a mesma da gramática V2, com movimento-wh, e a cópula na segunda posição. Considero isso uma espécie de grammaticalização, pois na gramática V2 qualquer verbo temático pode ser elevado a C, e no caso da clivada essa possibilidade é reduzida à cópula, um verbo funcional.

A partir do século XIX, a cópula deixa de apresentar consecutio temporum, exhibindo a forma invariável (ex. (7b)), é novamente mais um caso de grammaticalização.

- (7) a. Onde **foi que** as crianças dormiram? (XVIII) (clivada inversa PB/PE)
b. Onde **é que** as crianças dormiram? (XX) (clivada inversa PB/PE)

2.3 A construção wh-in-situ

Enquanto o PE tem uma ocorrência muito restrita de perguntas wh-in-situ (1,22% nos dados escritos), a segunda metade do século XIX vê, no PB, o aparecimento de uma quantidade muito maior (8,84 nos dados do corpus escrito de Kato e Mioto, 2005), alcançando 42% de ocorrências nos dados da fala de brasileiros do século XX (Lopes-Rossi, 1996). Neste ponto, devemos ressaltar que o PB distingue dois tipos de construções wh in-situ: a) aquele com entoação ascendente (↑) (8a), com interpretação de eco, e aquele com entoação descendente (↓) (8b), uma pergunta genuína (cf. Kato, 2013a; 2013b).

- (8) a. Você é de **onde?**↑ [Entoação ascendente] (PB falado)
b. Você pensava **em que** na sua vida?↓ [Entoação descendente] (PB falado)

Embora o PB e o francês (FR) possam ser considerados tipos semelhantes de língua, licenciando tanto o wh- quanto o wh-in-situ, temos que explicar por que o PB permite (9b) e (9c), enquanto o francês não licencia os padrões paralelos (10b) e (10c) (Cheng e Rooryck, 2000; Vergnaud e Zubizarreta, 2005). Além disso, o francês tem a mesma entoação tanto para construções de eco quanto para construções genuínas in-situ.

- (9) a. então você vai dizer **o que?**↓ PB (XIX segunda metade)
b. E Maria pensa que João comprou **o que?**↓ PB (XIX segunda metade)
c. Maria ama o livro que **quem** escreveu?↓ PB [in-situ dentro de ilha]

- (10) a. alors tu vas dire **quoi?**↑ FR
b. *Marie pense que Jean a acheté **quoi?**↑ FR [in-situ em sentença complemento]
c. *Marie aime le livre que **qui** a écrit?↑ FR [in-situ dentro de ilha]

2.4 A construção-wh semi-clivada

Uma mudança que se segue à introdução da construção wh-in-situ, na segunda metade do século XIX, é o tipo de clivagem sem cópula, a semi-clivada, existente apenas no PB, e observada principalmente na língua falada do século XX por Lopes-Rossi (1996) e Kato e Duarte (2002).

- (11) a. **O que que** você faz? (XX, PB falado)
b. **De quem que** é esse peixe? (XX, PB falado)

2.5 O aparecimento do padrão wh-SV

Na segunda metade do século XIX, o PB vê também o aparecimento da construção do tipo não-V2, nomeadamente o padrão wh-SV, que ocorre tanto na língua escrita como na falada, mas um tipo único entre as línguas românicas.

- (12) a. **Onde** ele foi ? (XIX, PB escrito)
b. **Quanto** você ganha? (XX, PB falado)

Os brasileiros evitam a Clivada Reduzida (wh-que-SV) na linguagem escrita, enquanto a preferem na fala coloquial. O que os brasileiros usam, em vez disso, na linguagem escrita, é o tipo wh-SV, prescrito pelos gramáticos tradicionais como a norma brasileira prototípica. Este ponto será tratado em detalhes abaixo em 3.7.

Em suma, a diacronia das construções-wh no PB pode ser vista no quadro abaixo de Lopes Rossi (1996), com as seguintes abreviaturas (PA:Português Antigo; PCI Português Clássico):

Figura 1: Tipos de perguntas-wh no Português

PA & PCI XIV-XVIII	whVS				
PE XVIII-XX	whVS	wh é que VS/SV	% wh-in-situ		
PB XVIII-XX	-----	wh é que SV	wh-in-situ	wh que SV	Wh SV

Fonte: Adaptado de Lopes-Rossi (1996)

2.6 Uma célula ausente entre o wh-in-situ e o wh-que SV

Assumindo que as construções de Foco e as construções wh- têm derivações paralelas devido ao fato de ambas checarem suas características com o mesmo núcleo Focus, Kato e Ribeiro (2009) notaram uma lacuna entre a construção in-situ e o padrão semi-clivado. O que descobriram foi que no período V2 o tipo de clivagem era do tipo inverso, com a cópula em segunda posição, mas com o advento do wh-in-situ o tipo de clivagem

também muda do tipo inverso para um tipo canônico de clivagem, com a cópula não mais em segundo posição.

- (13) a. E ISSO é **que** se chama postura, ou posição reta. (XVII, clivada invertida)
 b. E QUANDO é **que** são relativas? (XVII, clivada invertida)
- (14) a. É a Maria **que** tá tocando violão. (XX, clivada canônica)
 b. É quem **que** tá tocando o violão? (XX, clivada canônica)³

Podemos modificar a Figura anterior de Lopes-Rossi, adicionando o padrão da clivada canônica entre o padrão wh-in-situ e o padrão wh-VS (ver Figura 2).

Figura 2: Tipos de perguntas-wh no PB através dos tempos

PA & PCI XIV-XVIII	whVS					
PE XVIII-XX	whVS	Wh é que VS/SV	% (wh-in-situ)			
PB XVIII-XX	% whVS	Wh é que SV	wh-in-situ	é que	Wh	Wh que SV

3 Análises sintáticas

3.1 Sentenças “téticas” e sentenças “categóricas”

Assumirei, com Kuroda (1972), que as línguas distinguem entre sentenças categóricas e téticas. No PE esta distinção é expressa através da ordem de palavras SV e VS (Martins, 1994), um contraste que se afirma ter sido perdido no PB (Britto, 2000), segundo a qual a ordem SV(X) expressa um julgamento tético, enquanto o julgamento categórico é codificado como uma estrutura de deslocamento à esquerda (LD).

- (15) a. O gato está a dormir SV (categórica) PE
 b. Está o gato a dormir VS (téctica) PE
- (16) a. O gato, ele está dormindo DE (categórica) PB
 b. O gato está dormindo SV (téctica) PB

³ O tipo canônico de pergunta wh- não foi encontrado nos corpora consultados. É por isso que encontramos a lacuna na Figura 1 de Lopes-Rossi (1996). Kato (2013b; 2014) encontrou exemplos em diálogos entre crianças e mães. Esses exemplos foram facilmente aceitos por meus alunos de graduação.

3.2 O tipo mais antigo de perguntas-wh no Português: a construção V2

Neste artigo, também presumo que as perguntas-wh são sentenças téticas e, portanto, refletirão a ordem VS das sentenças téticas declarativas no PCl. No PE o padrão ainda faz parte do vernáculo. Ver (18a)' para a derivação de uma sentença declarativa (Kato, 1987; Martins, 1994). Quanto a uma pergunta-wh, a derivação em (17b)' reflete aquela de uma sentença declarativa, relativa à posição do verbo finito.

- (17) a. Está o gato a dormir no jardim. PCl PE
 b. Onde está o gato a dormir? PCl PE

- (17)⁴ a. [_{FocP} [_F está [_{IP} está [_{VP} o gato está [_{VP} está a dormir no jardim]]]]]
 b. [_{FocP} **onde** [_F está [_{TP} está [_{VP} o gato está [_{VP} está a dormir **onde**]]]]]

A minha análise assume, com Uriagereka (1995) e Kato e Raposo (1996), que o verbo finito no Romance Ibérico Ocidental se desloca para FocP, na periferia esquerda da sentença, o que também acontece no Português Europeu Moderno (PE)⁵.

O PB, por outro lado, perdeu o tipo V2 nas construções-wh com verbos temáticos, e o aparente tipo V2 contemporâneo foi analisado em Kato (1993) como uma inversão estilística em francês (Kayne e Pollock 1978), ou um deslocamento à direita com sujeito nulo em Duarte e Kato (2002). Isso explica porque o sujeito geralmente é um nome ou um DP⁶.

- (18) Onde (ela) está essa mulher? XX BP⁷

- (18)' [_{FocP} onde [_{TP} [_{TP} (ela) está [_{vP} (ela) está onde]]] essa mulher]

3.3. A pergunta clivada-wh inversa (wh-é que SV) como uma construção-V2 gramaticalizada

Até o período antigo e clássico (período V2), o elemento-wh em português era seguido por qualquer verbo temático ou auxiliar, fato que mudou no século XVIII na me-

⁴ Vou ignorar a projeção ForceP em ambas as derivações.

⁵ Uma versão diferente é oferecida em Barbosa (2001), para quem o verbo está em T e o sujeito *in-situ* em Spec,V.

⁶ Na verdade, como o tipo deslocado à direita é um tipo de fenômeno similar a desdobramento clítico, a derivação real deve juntar o pronome *ela* com *essa mulher* (*ela essa mulher*) no sentido de um “big DP” como em Kayne (2001), caso em que esse DP depende de *ela*, um nominativo.

⁷ A presença ou a ausência do sujeito pronominal não faz diferença no sentido aqui.

dida em que a cópula passou a ter a segunda posição privilegiada, processo que podemos considerar um tipo de gramaticalização.

- | | | | |
|--|-----|----|-----|
| (19) a. Que compraste (tu)? | PCl | PE | *PB |
| b. Quando chegaram as crianças? | PCl | PE | %PB |
| c. Onde podem as crianças estar a dormir? | PCl | PE | *PB |
- (20) a. Que **foi** que tu compraste? PE *PB
b. Quando **é** que chegam as crianças? PE PB

A ordem do verbo temático com o sujeito não importa mais, pois o primeiro ocorre dentro de uma sentença encaixada. O que agora passa para F é a cópula.

- (20)' a. [_{FocP} que [_F foi [_{TP} foi [_{vP} foi [_f [_{CP} que tu compraste que]]]]]]
b. [_{FocP} quando [_F é [_{TP} é [_{vP} é [_f [_{CP} que chegam as crianças quando]]]]
quando]]]]

Nossa previsão é que, embora a clivada inversa seja a forma vernácula no PE, no PB ela sobrevive na linguagem escrita, sendo substituída pela forma semi-clivada mais curta na linguagem falada.

3.4 Do movimento-wh para uma construção falsa de movimento

Neste artigo, assumirei o modelo cartográfico, nomeadamente uma organização hierárquica dos constituintes sintáticos, tanto ao nível das estruturas oracionais (IP/TP), como no nível periférico da sentença (CP) (21a1), e no nível sentencial médio (21a2):

- (21) a1. [_{ForceP} ... [_{TopP} ... [_{FocP} ... [_{TopP} ... [_{IP} (Rizzi 1997)
a2. [_{CP} ... [_{IP} [_{TopP} ... [_{FocP} ... [_{TopP} ... [_{vP} [_{VP}]]]]]] (Belletti 2004)

Também assumirei, no ForceP, um Operador de Ato de Fala, que pode ter uma realização morfológica, como no japonês -ka para pergunta, ou um operador vazio $\Sigma 1$ que resulta em um padrão prosódico ascendente, como no francês e no português brasileiro. Também assumo que em PB pode haver dois operadores vazios em ForceP, um $\Sigma 1$ para entonação ascendente e um $\Sigma 2$ para entonação decrescente.

A mudança estrutural mais marcante que ocorreu no PB em relação às construções-wh foi o aparecimento das construções wh-in-situ como questões reais, no século XX (Lopes-Rossi 1996). Até o século XIX, a projeção FocP era exclusivamente na periferia sentencial, licenciando tanto a construção V2 quanto as sentenças-wh com clivagem inversa.

No século XX, a projeção FocP mais alta deixa de ser projetada e uma posição FocusP inferior, adjacente à esquerda de vP, é ativada (cf. Belletti, 2004). O aparente ‘wh-in-situ’ no PB é proposto aqui, segundo Kato (2013a), para derivar de um curto movimento do constituinte-wh para a posição FocP adjacente ao vP como em (22'a). É importante ressaltar que as construções que estamos analisando são questões reais, com entonação decrescente (↓), determinada pelo operador Σ2 em ForceP, e não questões de eco, que possuem entonação ascendente (↑), determinada por Σ1. A questão do eco em (22b), por outro lado, é analisada como o resultado de todo o TP movido para Spec, ForceP (cf. Kayne, 1994) interpretado como o pressuposto da sentença.

- (22) a. As crianças dormem **onde?** ↓ [pergunta genuina]
b. As crianças dormem **onde?** ↑ [pergunta-eco]

- (22)' a.' [_{ForceP} Σ2 [_{TP} as crianças dormem [_{FocusP} **onde**[_{vP} as crianças [VP dormem**onde**]]]]]]]
b.' [_{ForceP} Σ1 [_{TP} as crianças dormem **onde**] Σ1 [_{TP} [_{TP} as crianças dormem
[_{vP} as crianças dormem[_{vP} dormem **onde**]]]]]

A evidência de que as falsas construções wh-in-situ sofreram movimento é fornecida por Kato (2013a) usando múltiplos adjuntos adverbiais. Nas orações declarativas, vários adjuntos adverbiais vêm empilhados no final da frase. Quando vários adjuntos-wh são movidos, eles aparecem em coordenação. As palavras-wh em wh-in-situ falsas também aparecem em coordenação, o que indica que foram movidas. As questões de eco in-situ, por outro lado, podem ter apenas um constituinte wh in-situ (cf. (23e)), com duas entonações independentes.

- (23) a. Maria nasceu na Bahia em 1980
b. **Onde** e quando Maria nasceu?
c. Maria nasceu onde e quando? ↓
d. * Maria nasceu onde quando? ↑
e. Maria nasceu **onde?** ↑ **Quando?** ↑

Mas as falsas questões “in-situ” como em (24a) parecem competir com o resultado do movimento-que como em (24b). Devemos chamar a atenção para o fato de que não precisa haver diferença de pressupostos entre as duas formas no PB. Essa perfeita equivalência funcional pode ser vista num verso de um samba brasileiro (24c).

- (24) a. Você parou **por que?**
b. **Por que** você parou?
c. **Porque** (você) parou? (Você) Parou **porque?**

O que resta a ser respondido em relação a (24a) e (24b) é: os movimentos-wh curtos e longos competem gramaticalmente no vernáculo do PB? Mas lembremos que ambos são inovações do século XX e não podem ser atribuídos à instabilidade da mudança linguística. Discutiremos esse ponto mais adiante, na seção 3.6.

3.5 De clivadas-wh inversas a clivadas-wh canônicas

Ao mesmo tempo que surgem as falsas perguntas wh-in-situ, a pergunta clivada inversa como (25a), existente em ambas as variedades desde o final do século XVII, começa a exibir um tipo competitivo de clivada em BP, a clivada canônica (25b), raramente encontrada em corpora do século XX:

- (25) a. **Onde é que** as crianças dormem? [clivada inversa] (PB/PE XVII a XX)
b. **É onde que** as crianças dormem? [clivada canônica em perguntas-wh] (PB XX)

Analisamos o novo tipo, a clivada canônica, como consequência da ativação da posição inferior de FocP na oração da cópula, para a qual o elemento-wh se move.

- (25)' b [_{ForceP} Σ2 [_{TP} É [_{FocusP} **onde** [_{vP} é [_{FiniteP} que [_{TP} as crianças dormem [_{vP} as crianças dormem [_{vP} dormem **onde**]]]]]]]]

3.6 As inovadoras clivadas reduzidas wh-que no século

Análises anteriores da clivada reduzida propuseram que elas exibiam uma espécie de “Comp duplo preenchido” como em (26)' (cf. Mioto e Figueiredo Silva, 1995; Hornstein, Nunes e Grohman, 2005).

(26) **Onde que** as crianças dormiam

(26)' [_{CP} Onde [_C que [_{TP} as crianças dormiam [_{VP} as crianças dormiam [_{VP} dormiam onde]]]]]

Kato e Raposo (1996) propuseram, ao contrário, que a clivada reduzida seria a redução da pergunta clivada inversa.

(26)'' [_{FocP} Onde [_{Foc} (é) [_{TP} é [_{VP} é [_{CP} que [_{TP} as crianças dormiam [_{VP} as crianças dormiam [_{VP} dormiam onde]]]]]]]

Kato (2007) propõe, contudo, que a cópula no PB só pode ser apagada na posição inicial da sentença.

- (27) a. O seu cabelo *(é) lindo.
b. (É) lindo o seu cabelo.

Uma conclusão natural é que a clivada reduzida não deriva de uma clivada inversa, mas sim de uma clivada canônica, onde a cópula aparece na posição inicial da frase. Podemos afirmar também que o apagamento seria possível depois que a cópula perde o consecutio temporum, tornando-se invariável, como acontece com a construção da clivada inversa:

- (28) a. **Era** onde **que** as crianças dormiam? [Clivada canônica com consecutio Temporum]
b. **É** onde **que** as crianças dormiam? [Gramaticalização do tempo]
c. **É** Onde **que** as crianças dormiam? [Apagamento da copula em PF)

A derivação de (28c) se daria da seguinte forma:

(28)' c. [_{ForceP↓} Σ2 [_{TP} (**É**) [_{FocusP} **onde** [_{VP} é [_{FiniteP} que [_{TP} as crianças dormiam [_{VP} as crianças dormiam [_{VP} dormiam onde]]]]]]]]]

3.7 O aparecimento de WH-SV, o padrão mais recente

A análise apresentada em Kato e Raposo (1996) e também em Duarte e Kato (2002) relacionou o padrão WH-SV à perda do Sujeito Nulo. Enquanto nas línguas com

sujeito nulo o sujeito, quando expresso, era pós-verbal nas perguntas- wh, no PB o enfraquecimento do sistema flexional levou à criação de um paradigma de pronomes fracos (cf. Kato, 1999; Kato, 2000) que poderiam ocupar Spec, T⁸.

- (29) a. Onde está **ele** dormindo? EP
b. Onde **ele** está dormindo? BP

- (29)' a. [_{FocP} onde [está [_{TP} **está** [_{VP} ele **está** [_{VP} **está** dormindo **onde**]]]]]]
b. [_{FocP} onde [[_{TP} ele **está** [_{VP} ele **está** [_{VP} **está** dormindo **onde**]]]]]

Contudo, os fatos diacrônicos, e também a distribuição sincrônica dos padrões, permitem-nos considerar uma hipótese diferente. Lembremos que o padrão V2 era o mais antigo na história do Português, enquanto o padrão Wh-SV era o padrão mais recente, aparecendo concomitantemente ao padrão Wh-que-SV.

O interessante, aliás, é que os brasileiros evitam a Clivada-reduzida (WH-que-SV) na linguagem escrita, enquanto a preferem na fala coloquial. No corpus escrito Kato e Mioto (2005) encontraram apenas um caso de clivada reduzida, enquanto no corpus oral encontraram 18 casos. O que os brasileiros utilizam em vez disso, na linguagem escrita, é o tipo WHSV, reconhecido pelos gramáticos como a norma brasileira prototípica.

A utilização de WHSV como variante estilística de WH-que-SV me leva a considerar a possibilidade de que a partir do tipo clivada reduzida, uma regra estilística possa apagar o complementizador que em (30), resultando em (30)' em PF. Uma observação interessante em Duarte (1992) foi que a ordem SV aparece primeiro com perguntas adjuntas wh, e pode-se perguntar por quê. A minha hipótese é que com este tipo de questões temos o local ideal para aplicar a regra estilística da haplologia (apagar sílabas semelhantes).

- (30) a. De **que que** os meninos riam? > (30)' a. **De que** os meninos riam?
b. Para **que que** você quer isso? > b. **Para que** você quer isso?
c. Por **que que** eles pararam? > c. **Por que** eles pararam?

Nos casos em que a palavra- wh não é semelhante ao complementizador que, podemos sugerir que o apagamento é o resultado da analogia com os casos adjuntos.

Mesmo a estrutura de deslocamento à direita em (31), com a ordem wh-VS, pode resultar da mesma estrutura gramatical, nomeadamente uma clivada canônica.

⁸ Ordoñez e Olarrea (2006) oferecem uma explicação similar para o Caribenho, que também perdeu o padrão V2.

(31) a. **Onde** foi a Suzana?

b. (É) **onde** (que) (ela)foi a Suzana? [Deslocamento à direita). BP

4 Conclusões

A principal mudança estrutural do Português Antigo para o PB moderno foi o lugar da projeção do FocusP.:

Focus inicial

(32) a. **O que** comprou a Maria?

b. **O que é que** a Maria comprou?

(32)' a. $[\text{Force}_P \Sigma_2 [\text{Foc}_P \mathbf{o \ que} \text{ comprou} [\text{TP} \text{ comprou} [\text{vp} \text{ a M.} [\text{VP} \text{ comprou} \mathbf{o \ que}]]]]]$ EP

b. $[\text{Force}_P \Sigma_2 [\text{Foc}_P \mathbf{o \ que \ é} [\text{TP} \ \mathbf{\epsilon} [\text{VP} \ \mathbf{\é} [\text{CP} \mathbf{que} [\text{IP} \text{ a M.} \text{ comprou} \mathbf{o \ que \ ?}]]]]]$
PE PB

Focus medial/baixo

(33) a. A Maria comprou **o que**?

b. É **o que** que a Maria comprou?

(33)' a. $[\text{Force}_P \Sigma_2 [\text{TP} \text{ a Maria} \text{ comprou} [\text{Foc}_P \mathbf{o \ que} [\text{vp} \text{ a M.} [\text{VP} \text{ comprou} \mathbf{o \ que}]]]]]$
PB %PE

b. $[\text{Force}_P \Sigma_2 [\text{TP} (\mathbf{\epsilon}) [\text{Foc}_P \mathbf{o \ que} [\text{VP} \mathbf{\é} [\text{CP} \mathbf{que} [\text{IP} \text{ a M.} \text{ comprou} \mathbf{o \ que}]]]]]$
PB *PE

Figura 3: Resumo das conclusões deste capítulo: Do Português Antigo para o PB, passando pelo Português Clássico e o Português Europeu

Movimento-wh-longo		Movimento-wh-curto			
V2	Clivada Inversa	Falso wh-in-situ		Clivada canônica	
wh-VS	wh-é que-SV	SVwh-	É wh-que-SV	wh-que-SV	wh-SV
PA PCl PE	PCl PE PB	PB			

O único caso de movimento-wh longo no PB é a clivagem invertida, que consideramos um resíduo da gramática antiga, enquanto essa mesma construção é a mais vernacular no PE.

Concluo, finalmente, que no vernáculo do PB não há movimento-wh longo, nem uma construção real de wh-in-situ, exceto em perguntas-eco. Temos apenas um movimento curto em todos os casos. Todas as outras variantes resultam de redução fonológica e, portanto, não produzem “gêmeos” sintáticos, mas variantes estilísticas.

Referências

- ARONOFF, M. Word Formation in Generative Grammar. *Linguistic Inquiry Monographs* 1. Cambridge: MIT Press, 1976.
- BARBOSA, P. On Inversion in Wh-questions. In: HULK, A.; POLLOCK, J.-Y (Ed.) *Romance Inversion*. New York: Oxford, 2001, p. 2-59.
- BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In: RIZZI, L. (Ed.) *The Cartography of Syntactic Structures*. New York: OUP, 2004, p. 16-51.
- BRITTO, H. Syntactic codification of categorical and thetic judgments in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Ed.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert/Iberoamericana, 2000, p. 195-222.
- CHENG, L.; J. ROORYCK, J. Licensing wh-in-situ. *Syntax*, 3,1, p. 1-19, 2000.
- DUARTE, M. E. L. A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) no português do Brasil. *DELTA*. Número Especial. P. 37-52, 1992.
- DUARTE, M. E. L; KATO, M. A. A Diachronic Analysis of Brazilian Portuguese Wh-Questions. *Santa Barbara Portuguese Studies*, v. VI, p. 326-339, 2002.
- HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMAN, K. K. *Understanding Minimalism*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2005.
- HUANG, C. T. J. *Logical Relations in Chinese and the Theory of Grammar*. MIT: PH.D. Dissertation, 1982.
- KATO, M. A. Inversão da ordem SV em interrogativas no português. *DELTA*, 3, 2, p. 243-252, 1987.
- KATO, M. A. The distribution of null and pronominal objects in Brazilian Portuguese. In: ASHBY, W.; MITHUN, M.; PERISSINOTO, G.; RAPOSO, E. (Ed.) *Linguistic Perspectives on the Romance Languages: Selected Papers from the XXI Linguistic Symposium on Romance Languages (Currents Issues in Linguistic Theory Series)*, Amsterdam: John Benjamins, 1993, p. 225-235.

KATO, M. A. Strong pronouns and weak pronominals in the null subject parameter. *PROBUS*, Berlin, Editora Mouton de Gruyter, 1999, p. 1-37.

KATO, M. A. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; E.V. NEGRÃO, E. V. (Ed.) *Brazilian Portuguese and the Null subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert/ Iberoamericana, 2000a, p. 223-258.

KATO, M. A. A restrição de mono-argumentalidade da ordem VS no português do Brasil. *Fórum Lingüístico*, Florianópolis, 2,1, p. 97-127, 2000b.

KATO, M. A. Free and dependent small clauses in Brazilian Portuguese. *DELTA*, 23 (Especial): Homenagem a Lucia Lobato, 85-111, 2007.

KATO, M. A. Deriving wh-in-situ through movement. In: CAMACHO-TABOADA, V.; GIMENEZ-FERNANDEZ, A.; MARTIN-GONZALES, J.; REYES-TEJEDOR, M. (Ed.) . 175-191. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2013a.

KATO, M. A. WH-movement in the history of Brazilian Portuguese. *STIL*, vol 5. 59-76, 2013b.

KATO, M. A. Focus and WH-questions in Brazilian Portuguese. In: DION, N.; LAPIERRE, A.; CACOULLOS, R. T. (Ed.). *Linguistic variation: Confronting fact and theory*. New York/London: Routledge, 2014, 111-130.

KATO, M. A. Morphological doublets in Brazilian Portuguese wh-constructions. In: REPETTI, L.; ORDOÑEZ, F. (Ed.) *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam/Filadelfia. John Benjamins, 2018, p. 135-152.

KATO, M. A.; MIOTO, C. A multi-evidence study of European and Brazilian wh-questions. In: KEPSER, S.; REIS, M. (Ed.) *Linguistic evidence: empirical, theoretical and computational perspectives*. Berlin & New York: Mouton De Gruyter, 2005, p. 307-328.

KATO, M. A.; RAPOSO, E. European and Brazilian word order: questions, focus and topic constructions. In: PARODI, C.; QUICOLI, A.C.; SALTARELLI, M.; ZUBIZARRETA, M. L. (Ed.) *Aspects of Romance Linguistics*. Washington: Georgetown U.Press, 1996, p. 267-277.

KATO, M. A.; RIBEIRO, I. Cleft sentences from Old Portuguese to Modern Brazilian Portuguese. In: DUFTER, A.; JACOB, D. (Ed.). *Focus and Background in Romance Languages*. Amsterdam /Philadelphia: John. Benjamins, 2009, p. 123-154.

KAYNE, R. *The Antisymmetry of Syntax*. Cabridge, Mass: The MIT Press, 1994.

KAYNE, R. Pronouns and their antecedents. In: EPSTEIN, S.; SEELY, D. (Ed.) *Derivation and explanations in the Minimalist program*. Malden, MA: Blackwell, 2001, p. 133-166.

KAYNE, R.; POLLOCK, J-Y. Stylistic Inversion, Successive Cyclicity and Move NP in French. *Linguistic Inquiry*, 9: 595-621, 1978.

KROCH, A. Morphosyntactic variation. In: BEALS, K. et al (Ed.) Papers from the 30th Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society: Parasession on Variation and Linguistic Theory, 1994, p. 180-201.

LOPES-ROSSI, M. A. 1996. A Sintaxe Diacrônica das Interrogativas-Q do Português. UNICAMP: Tese de doutorado, 1996.

KURODA, S-Y. The categorical and the thetic judgment. *Foundations of Language*, 9, p. 153-185, 1972.

MARTINS, A. M. 1994. *Clíticos na História do Português*. Universidade de Lisboa: Tese de Doutorado, 1994.

MIOTO, C.; FIGUEIREDO SILVA, M. C. Wh que = Wh é que? *DELTA*, 11, Vol 2, p. 301-311, 1995.

ORDOÑEZ, F.; OLARREA, A. Microvariation in Caribbean/non Caribbean Spanish. *Probus*, v. 18.3. p. 59-97, 2006.

PILATI, E. Sobre a ordem verbo-sujeito no português brasileiro: 30 anos em mirada crítica. *Revista Linguística*, v. 12, n. 2. p.183-205, 2016.

RIZZI, L. The Fine Structure of the Left Periphery. In: HAEGEMAN, L. (Ed.) Elements of Grammar. Dordrecht: Kluver, 1997, p. 281-337.

URIAGEREKA, J. An F position in Western Romance. In: KISS, K. E. (Ed.) Discourse Configurational Languages, New York/Oxford: Oxford University Press, 1995, p. 153-175.

VERGNAUD, J. R.; ZUBIZARRETA, M. L. The Representation of Focus and its Implications: towards an alternative account of some ‘intervention effects. In: BROEKHUIS, H.; CORVER, N.; HUYBREGTS, R.; KLEINHENZ, U.; KOSTER, J. (Ed.) Organizing Grammar- Linguistic Studies in Honor of Henk van Riemsdijk, 641-60. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter, 2005.

